

O MODERNO **JÁ** PASSADO | O PASSADO **NO** MODERNO
reciclagem , requalificação , rearquitetura

ANAIS DO III SEMINÁRIO PROJETAR

porto alegre , 24 a 26 de outubro de 2007

**ESPAÇOS DA TRANSITORIEDADE:
DERIVAÇÕES DA EXPERIÊNCIA CONTEMPORÂNEA**

DUARTE, Cristiane Rose (1); PINHEIRO, Ethel (2)

(1) Arq., Dra. Profa. Titular, FAU/PROARQ/UFRJ

(2) Arq., MSc., Profa. Assistente FAU/UFRJ, doutoranda PROARQ/UFRJ

Av. Lucio Costa, 16200/201 – Recreio – RJ – cep: 22795-006

Telefone: 55 (21) 2437-6396/2437-1663

crduarte@ufrj.br

ethelp@terra.com.br

ESPAÇOS DA TRANSITORIEDADE: DERIVAÇÕES DA EXPERIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Resumo

O artigo busca sondar de que forma os conceitos de *transitoriedade*, *desterritorialização* e conseqüente inversão do valor da *memória* participam no desenvolvimento da cidade contemporânea. Igualmente, questiona como a noção de um 'novo e transitório espaço' têm evoluído na medida de 'novas e transitórias' formas de articulação do usuário com este espaço produzido, cada vez mais 'espetacularizado' na cidade contemporânea e cada vez mais ligado a uma perda do *genius loci*. Nosso trabalho sugere uma discussão acerca dos novos caracteres impressos na dimensão física do espaço urbano e sua conseqüente polarização e efeitos sobre o procedimento dos corpos que nele atuam e sobrevivem, não como estruturas sociais, mas como elementos interligados quiasmaticamente e, por isso, inextricavelmente associados a estas mudanças. Para isto, tomamos mão de considerações baseadas em algumas novas formas de apropriações urbano-espaciais, no papel da arquitetura contemporânea e na circunferência demarcada pela interferência de uma urgente e necessária 'efemeridade', predita desde o modernismo. Dentro das questões que se relacionam a uma re-significação dos conhecimentos e das ações no território urbano, assim com as novas demandas sociais e padrões de ocupação do espaço construído, este trabalho busca questionar, mais do que simplesmente desvendar tais mudanças suscitadas no tecido atual das grandes cidades mundiais. Busca, também, explorar recentes teorias e temas colocados em debate no cenário da arquitetura e da sociedade atuais. Como desejamos tratar do *ente* 'espaço' (construído) através de sua textualização com a cidade e com as necessidades do projeto arquitetônico – muito mais do que um mero dispositivo material – buscamos com este trabalho levantar uma segunda questão que se refere à inclusão de novas formas de articulação do edifício com a cidade e, conseqüentemente, no cotidiano das pessoas que as utilizam, assim como indagar de que forma a arquitetura contemporânea corrobora com a fluidez e efemeridade dos acontecimentos sociais. Não trataremos do espaço físico como totalidade de dispositivos materiais em que os planos arquitetônicos aparecem, mas do espaço "textualizado", fenomenológico, onde se manifestam as relações obtidas pelo jogo de significantes que se referem ou salientam os temas 'reciclagem, requalificação e rearquitetura'. Tratamos de elaborar algumas relações diretas da cidade atual (e suas novas interferências) com novos conceitos estruturadores do espaço contemporâneo, a saber: a heterogeneidade, a ubiqüidade dos elementos, a coexistência de multiplicidades e o maior controle dos espaços, oriundos de uma atuação cada vez maior das tecnologias de informação e da noção de globalização. De igual modo, perseguimos uma dúvida sobre as necessidades de 'ancoragem' e 'padronização de Lugares', cada vez mais extintos no cenário atual. As conclusões nos permitem evidenciar a existência efetiva e necessária de um novo 'espaço' dentro do conjunto de tipos espaciais que conformam a cidade e escrutinar a forma com que a transitoriedade (dos edifícios e dos corpos) tem contribuído para a modificação das identidades sociais no contexto contemporâneo, chegando mesmo a 'negá-las' pela supremacia de uma linguagem dominante e massificadora das cidades.

Palavras-chave: contemporaneidade; transitoriedade; memória.

Abstract

This essay searches for the comprehension of today cities – as a generic dimension - under the concepts of *transitority*, *a-topia* and the consequent inversion on the value proposed for *memory*. It also argues this "new and transitory space" in accordance with "new and transitory" ways of communication between users and places and well linked to a sense of lack of 'genius loci'. In order to accomplish that, we aim at outlining a theoretical study that may confront some recent discussions over complex and a-topic spaces (a term that emphasizes the idea of a conceptual established space that merges with new paradigms and elements). We make use of some historic and artistic examples in the architectonic production and postulations that glue to some inscriptive languages as a way of dimesioning this effect; lately, we present some parameters for discussing new characters and spatial multiple orders as a way of recognizing new spatial adjectives and subjectives. Our goal, in this paper, is to contribute with the study of nowadays spatial readings and improve the ways of assessment and discussions of premises and rehabilitation procedures in new 'poli'. Whereas, effectively, we aim to be furnished with fundamental evidences of *ubiquity* and *heterogeneous* cities. The conclusions of our survey make evident the necessary existence of this kind of space for the management of today's cities and enables the process of summarizing in which ways transitority (of buildings and people) has enhanced the modification of social indentities in the contemporary context.

Keywords: contemporarity; transitority; memory.

ESPAÇOS DA TRANSITORIEDADE: DERIVAÇÕES DA EXPERIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

DERIVANDO sobre cidades e edifícios

Guattari (1992) já dizia que as construções dos espaços urbanos atuais são máquinas enunciativas de novos tempos, ou seja, seu alcance vai além de suas estruturas visíveis e funcionais, pois interpela os sujeitos das mais variadas maneiras: histórica, funcional, afetiva, simbólica, estilística. Cada conjunto material (rua, prédio, cidade) é um foco de subjetivação. “*Não seria demais enfatizar que a consistência de um edifício não é unicamente de ordem material, ela envolve dimensões maquínicas e universos incorporais*” (Guattari, 1992, p.161-162). Mas o que marca a cidade contemporânea, senão a compreensão de que a contemporaneidade não tem um limite definido? Atrela-se, assim, um processo de subjetivação que aponta para a criação de um universo homogêneo em sua *diversidade*, trazendo a ilusão de que a cidade é única em sua estruturação, de que o mundo é uma extensa cidade.

*Trata-se (no cenário atual) de criar espaços polimorfos, indiferentes, moduláveis. (...) Despojados de qualquer caráter individual e permanente, e com esta condição, preparados para acolher a pulsação indefinida do **transitório** [grifo nosso].¹*

A citação acima inaugura os meandros de diversas discussões atuais sobre o *estado-da-arte* da arquitetura, como produção, num cenário multinacional. Como inserir edifícios – estruturas interligadas ao tecido da cidade – numa cidade montada (e re-montada) através dos séculos por diversas colagens, linguagens, invenções? A resposta ainda paira sobre dois pólos, o da justaposição ou do contraste, no campo vasto da multiplicidade de linguagens conhecidas atualmente. É nestes dois grandes grupos da produção arquitetônica que diversas produções teóricas vêm tentando desempenhar seu papel de crítica a custo de muitas especulações e ensaios que convergem, ora ou outra, para a determinação de que *transitoriedade* é palavra de ordem na cidade contemporânea.

Hans Ibelings em “Arquitetura na era da Globalização” (1998) compila vários edifícios que integraram páginas das revistas de arquitetura ao redor do mundo nestes 10 últimos anos. Segundo o autor, uma das características dessas obras espalhadas por cidades em distintas latitudes é a *neutralidade* de quem não quer competir com diferentes contextos onde se implantam cada uma das construções.

Traduzindo o resumo dos atributos percebidos pelo autor segundo “*a reflexão de superfícies polidas e brilhantes que definem o contorno das formas puras e prismáticas destes edifícios*” (Ibid., p. 35), podemos montar uma relação com o que Richard Scoffier² também comenta sobre “Os quatro princípios fundamentais da arquitetura contemporânea” (2006) ao mencionar a transmutação dos edifícios atuais para simples *telas*:

¹ HOUELLEBECQ, Michel. Lugares de Transición, In *Arquitectura Viva*, nº 74, set./out. 2000.

² Arquiteto e titular de um DEA (Diploma de Estudos Aprofundados) em Filosofia. Ensina projeto e teoria na Escola de Arquitetura de Versailles, na qual é também pesquisador da LADRHAUS.

Sua função exacerba a função essencial das fachadas tradicionais que apenas envelopam e protegem o espaço interno, sem revelar aspectos construtivos ou exprimir características necessariamente funcionais - relações umbilicais [sic]. A tela renuncia a toda forma de transparência ocasional e se opacifica, recobrando o edifício de signos e siglas. Desta forma, a tela e a fachada se representam por duas funções distintas do olho humano: a segunda em ver e a primeira em ler.

Tal neutralidade denota, porém, não apenas a conveniência de uma arquitetura globalizada, mas também uma convicta renúncia a uma destacada presença urbana, que não se sabe distinguir ou definir com precisão. A isso se soma o sedimento de uma *desterritorialização* da arquitetura, já que a neutralidade favorece o surgimento de símbolos obliterados de passado histórico ou de laços simbólicos, tornando possível a erosão de conceitos como 'identidade' e 'caráter'.

A 'corrosão do caráter', um dos princípios de relativização da sociedade atual – indicada por Bauman (2005) como sinal da flexibilidade dos lugares e o crescimento da insegurança espacial – é apenas uma manifestação da profunda ansiedade com que projetos, decisões e mesmo cidades são construídos diante de uma fragilização da identidade. A exemplo disso, tomamos o crescimento superacelerado de Dubai e de outras cidades na parte centro-oriental do mundo como constatação de uma relevante desvinculação histórico-cultural – processo de desarraigamento de uma 'paciência histórica', como indicado por Pollak (1989).



Fig. 1: Centro de Hong Kong, 2006. Fonte: www.geocities.dubaimcau.com.

Nosso trabalho sugere uma discussão acerca dos novos caracteres impressos na dimensão física do espaço urbano e seus conseqüentes efeitos sobre os corpos que nele atuam e sobrevivem, não como estruturas sociais, mas como elementos interligados e, por isso, inextricavelmente associados a estas mudanças, tidas como complexas e demarcadoras de um novo panorama das cidades. Sabemos que estes 'prenúncios' (há tempos profetizados) não se desenrolam com a mesma velocidade com que se especulam, mas – de alguma forma – já completam e solidificam o imaginário coletivo das propostas arquitetônicas atuais e da conduta desejada para o habitante 'mundial' e efêmero.

Uma relação imediata destas idéias de um novo espaço (complexo e transitório) com a componente *tempo* (entidade inerte e operante) e com as diversas relações afetivas que se desdobram sobre ele é a suposição de que o segundo atua como um médium entre diversos contextos sociais; neste ponto, o *tempo* histórico se torna particularmente importante, apesar de relativamente suprimido pela importância dada ao *espaço físico* numa nova sociedade formulada pelo descentramento do sujeito, como sugere Jameson (1997, p. 43):

O esmaecimento dos afetos (...) pode também ser caracterizado, no contexto mais estreito da crítica, como o esmaecimento da grande temática do alto modernismo do tempo e da temporalidade, os mistérios elegíacos da 'durée' e da memória. Entretanto, foi-nos dito com freqüência que agora habitamos a sincronia e não a diacronia, e penso que é impossível argumentar que nossa vida cotidiana, nossas experiências, nossas linguagens culturais são hoje dominadas pelas categorias de espaço e não pelas de tempo, como o eram no período anterior do alto modernismo.

Como desejamos tratar do *ente* 'espaço' (construído) através de sua textualização com a cidade e com as necessidades do projeto arquitetônico, muito mais do que um mero dispositivo material, buscamos com este trabalho levantar uma segunda questão que se refere às novas conexões geradas por esses espaços com o cotidiano das pessoas que o utilizam e ao papel das edificações na produção e engendramento de uma cada vez maior fluidez e efemeridade dos acontecimentos sociais – como em qualquer processo, há ação e reação.

É justamente na transposição dos espaços tradicionais, consolidados e históricos para a “colagem urbana”³ flexível e mutante que há, primeiramente, o surgimento de um novo tipo de achatamento ou falta de profundidade. Em segundo plano há um esmaecimento das relações de pertencimento na cultura contemporânea, ao que Jameson (Op. cit.) chama de “esmaecimento do afeto” e este esmaecimento de elementos demarca um emblema programático visual que se incorpora em diversas formas de se materializar as transformações urbanas e arquitetônicas do espaço contemporâneo.

Esta *falta de profundidade* não é meramente metafórica; pode ser assumida como um conceito real. Há, de forma clara, a substituição dos volumes e interferências pacíficas pelo valor da tela (de projeção), como ambientado por Richard Scoffier (2006). E o que substitui esses diversos modelos da profundidade é, de modo geral, uma concepção de práticas, discursos e jogos textuais. A *profundidade* é, então, substituída pela *superfície* ou por múltiplas superfícies que delimitam a valorização de um estado atual (valor do presente) e a ruptura de uma temporalidade, como demonstraremos adiante com o projeto de Jean Nouvel para o Museu de Quai Branly (inaugurado em Paris, 2006).

No contexto de nossa discussão, essa experiência sugere que a ruptura da temporalidade libera, repentinamente, esse *presente* de todas as intencionalidades que possam focá-lo (daí a diferenciação com o *agora* sugerido pelo movimento moderno); então, o *presente* invade o sujeito

³ Numa alusão à ROWE, Colin. “*Collage City*”. Cambridge: MIT Press, 1978. In: NESBITT, Kate (org.). *Theorizing a New Agenda for Architecture*. New York : Princeton Architectural Press, 1996.

com uma materialidade perceptiva que – de forma drástica – traz a fragmentação como uma estética fundamental da contemporaneidade.

1. PERCURSOS FUNDAMENTAIS

A consequência imediata da explorada ‘globalização’ é a *desterritorialização*, ou uma arquitetura sem lugar. O *genius loci* (espírito do lugar) que inspirava a arquitetura greco-romana e que foi explicitado por Norberg-Schulz (1976) há algumas décadas atrás, perdeu no cenário contemporâneo todo o sentido.

Para o referido autor, *“o alvo essencial da construção (arquitetura) é o de transformar um sítio em lugar, ou ainda, descobrir o sentido potencial que está presente num meio, a priori (...) seu genius loci”* (Ibidem, p. 18). De acordo com suas afirmações, a identificação com o lugar é um traço essencial para uma estrutura bem engendrada de percepção do espaço: *“identificação e orientação são os primeiros aspectos do ser no mundo. Identificação é a base do sentimento de pertencimento a um lugar e orientação é a função que torna este homo viator parte do meio”*. Mas para o homem contemporâneo, por sua gradual mudança na posição dentro do espaço ‘habitável’ e pela impressão da *velocidade* no cotidiano (aumento da automação, da industrialização, da produção em série e da divulgação em massa de informações ‘instantâneas’), a *identificação* tornou-se um termo cercado de diversas outras condicionantes tão ou mais importantes que o próprio sentido de pertencimento. Pertencer a um espaço já não é mais uma obrigação latente para a absorção dos ambientes. Como especulam Bauman (2005) e Aurigi (2000), basta que a linguagem possa ser adaptada a qualquer contexto para que ela tenha validade e seja, automaticamente, bem recebida. Parece bastar que os edifícios busquem sua ‘neutralidade’ no meio, e a transitoriedade das identidades pessoais será assegurada.

Não se trata, como se pode crer, da recusa por construir lugares significativos, mas de ignorar o *caráter* do espaço pré-existente, como podemos previamente concluir através das diversas descobertas neste campo teórico. Apesar de ser árdua afirmação, é fato que alguns dos mais notáveis edifícios da atualidade têm como critério a negação do próprio lugar onde se assentam, refletindo uma verdadeira indisposição em dialogar com o ambiente local, como produto de um cenário e uma mentalidade que chegam a exigir tal procedimento do seu usuário.

A torre sem fim (1989) que Jean Nouvel pretendia construir em La Défense, local simbólico do capital francês, exemplifica tal premissa: *“um cilindro de base circular, um objeto sem contornos definidos que partia da terra num irredutível e imponente ‘negro’, depois ia acinzentando-se à medida que subia aos céus, até se tornar transparente, desaparecendo nas nuvens”*. O primor técnico e a sensível argumentação conceitual do projeto não são, porém, obstáculos que impeçam a percepção que se trata de uma atitude contrária à afirmação de uma identidade local.

A busca por novos instrumentos de análise do projeto arquitetônico em função da atual complexidade da cidade contemporânea é, portanto, tarefa que a crítica arquitetônica precisa

melhor focar. Se a cidade não é mais um organismo coeso, como Rowe (1984) já citava em “Collage City”, e se a arquitetura já não obedece a uma doutrina unívoca, é certo que sem muito esforço encontramos semelhanças mais que aparentes entre alguns centros e periferias de cidades separadas entre si por qualquer oceano. Ou quando um modelo arquitetônico projetado para uma determinada realidade acaba muitas vezes se repetindo num contexto distinto, seja pela demanda dos empreendedores, seja pela conveniência de um cenário ‘deturpado’ da arquitetura. E assim, a ligação memorial de um Lugar deixa de ser importante para o cidadão contemporâneo, mais atento à ‘mundialidade’ e à ubiqüidade⁴ das coisas.

1.1. LUGAR AUSENTE ou GENIUS ‘SENZA’ LOCI

Se analisarmos com um pouco de cuidado a arquitetura e os comportamentos sociais de tempos recentes podemos perceber com alguma surpresa que tanto o princípio funcionalista, como o de transparência espacial, tende a ser negado (Sòla-Morales, 1996).

Uma das grandes invenções da arquitetura moderna, o espaço isotrópico que se desenvolve infinitamente segundo uma geometria modular, acabou contribuindo para a renúncia de diversos significados. E do mesmo jeito que existe uma arquitetura que não se apresenta à cidade, nesta também existem espaços ausentes, totalmente desprovidos de caráter urbano. Interstício urbano, *terrain vague*⁵, espaço residual, não faltam categorias classificatórias para tais ambientes cada vez mais “presentes” na cidade contemporânea.

Mas a ausência não é apenas uma premissa da produção comercial, pois como citou Ibelings (1998), a neutralidade e a reflexão da *caixa arquitetônica* são aspectos recorrentes na alta arquitetura.

A questão da ‘caixa’, tão emblemática em meados do século XX, persiste. Revive como uma fênix quando todos a imaginavam morta. Provavelmente porque sua forma simples remete a discussões centrais para arquitetura - discussões sem fim. Rigorosamente abstrata, não se confunde com a natureza, mostra-se artificial, uma criação do homem orgulhosa de sua distinção. Uma arquitetura que quer ser clássica, cujas proporções são determinadas por fórmulas precisas como a seção áurea presente tanto nos templos gregos quanto nas obras de Le Corbusier. O fato é que a caixa, tão simples, mas plena de significados, surpreende com sua perenidade.

Outro caso ilustre é o de Herzog & De Meuron, arquitetos suíços que vêm colecionando inúmeras variações da ‘caixa’. Esse ‘namoro’ começou com um *container* projetado para abrigar um posto de sinalização em Basileia, Suíça (1992/95). O prédio de cinco andares que reúne escritórios e equipamentos é uma caixa enigmática recoberta por lâminas de cobre (de 20 cm de largura) que anulam até mesmo a divisão em pavimentos. A caixa de cobre justifica-se racionalmente já que

⁴ **Ubiqüidade** (s.f.), l. *ubique*: 1. qualidade do que está ou pode estar em muitos lugares ao mesmo tempo, ou quase ao mesmo tempo. 2. *Filos.* caráter ou propriedade do ser que está real e integralmente presente em todos os lugares ao mesmo tempo.

⁵ A expressão “*terrain vague*” foi tomada do catálogo da exposição *Presente e futuro, Arquitetura nas cidades*, por ocasião da XIX Congresso da União Internacional de Arquitetos, ocorrido em Barcelona em 1996; “espaço residual” foi utilizado por Rem Koolhaas para desqualificar quase tudo que sobra nas cidades fora as grandes obras arquitetônicas, conf. “El espacio basura”, in *Arquitectura Viva*, nº 74, 2000, p. 23-31. Notar ainda que no Brasil o conceito de vazio urbano não se aplica, pois este seria uma descontinuidade no tecido urbano ocorrido em função da heterogênea ocupação de novas áreas durante a expansão das cidades.

atua como uma jaula *Faraday* protegendo o equipamento eletrônico em seu interior, mas evidencia ao mesmo tempo o apego ao prisma e a disposição a manipular sua característica mais definidora, a pele. As obras desta dupla de profissionais trabalham com a percepção do contexto, que lhes serve de suporte, como ambiente refratário e insípido.



Fig. 2: Container em Basileia. Herzog & De Meuron, 1995. Foto adquirida em <http://blog.livedoor.jp/modernarchitecture/archives/2005-10.html>.

De fato, os esquemas de análise da forma arquitetônica no âmbito da realidade urbana já não são suficientes para destrinchar a complexidade da cidade contemporânea. Metrôpoles estratificadas com vários centros desagregados que se interconectam sem nenhuma ordem preestabelecida, as cidades do terceiro milênio – em especial as da América Latina – demandam conexões de outro padrão com a arquitetura.

Certamente, diversos caminhos se impregnam da mencionada relação entre “justaposição e contraste”; seja o do diálogo franco e interativo – a presença – seja a introspecção que assume a impossibilidade de se comunicar unanimemente – a ausência – ou ainda que seja o da ambigüidade, que permite ambas impressões a partir da diversidade cultural, a inflexão reivindicada é, nada mais nada menos, que a consciência a ser assumida pela arquitetura. Cabe dizer que é inevitável aceitarmos que a fragmentação e pluralidade são fenômenos atuais e, como acreditam os teóricos acima citados, irreversíveis. A proliferação de espaços inertes e amorfos vai contra a cidade fragmentada, porém de imagem coesa, conseguida através da mídia informacional e da divulgação de uma imagem consolidada e globalizadora (Colin Rowe, 1984), muitas vezes adquirida pela proliferação de suas ‘superfícies expostas’.

2. SUPERFÍCIE E COMPLEXIDADE – o exemplo do Museu de Quai Branly

Como mencionamos linhas acima, a contemporaneidade trouxe um risco inexorável de bidimensionalização do estado-da-arte, em outras palavras, a superficialização das profundidades.

A noção da 'tela' como elemento compositivo da arquitetura contemporânea (Scoffier, 2006), é um suporte para a ilusão e uma experimentação do instante, como demonstrou o crítico Clement Greenberg (1909-1994), considerado um dos críticos de arte mais influentes do século XX e ativo protagonista no cenário artístico americano do pós-guerra.

No entanto, esta noção de superfície se confunde às noções insurgidas pela complexidade, em todas as suas dimensões palpáveis. Não é pelo simples fato de estar se apresentando como um objeto direto e múltiplo, mas por que tangencia a variabilidade e transitoriedade das necessidades atuais que a 'tela' se oferece como um refúgio às solicitações do meio e das coisas.

Já no segundo capítulo do livro "A Complexidade, Vertigens e Promessas" de Benkirane (2005), intitulado *O fim das certezas*, são apresentadas algumas considerações de Ilya Prigogine acerca das implicações da noção de *complexidade* e de como o meio é pensado pela lógica newtoniana. Para Prigogine, o meio (social, político, psicológico) deixou de ser compreendido como um fenômeno simples e facilmente controlável; alterou-se a noção de *controle e previsibilidade*, para a de *incerteza e probabilidade*. Essa alteração mudou radicalmente a forma como o homem passou a produzir o conhecimento e estabelecer relações com o mundo (construído e abstrato).

A partir dessa conexão, podemos extrair quatro elementos que se apresentam claramente na 'teoria da tela', dentro do cenário edificado da arquitetura: *multidimensionalidade, oposição, incerteza e probabilidade*. Os quatro, em consonância, tratam de impor alguns princípios reguladores de novos procedimentos dentro da cidade contemporânea. É através da multidimensionalidade que a 'grandeza' dos edifícios pode ser validada; e é também através da oposição, da noção de cheio x vazio ou do opaco x transparente, que essa mesma grandeza se persuade como linguagem atual. Através disso tudo, e perpassando como uma teia confabuladora, a incerteza e a probabilidade se alinham às noções de *transitoriedade*.

De forma a clarificar a atuação desta "tela" ou "superfície" na arquitetura, selecionamos o projeto do Museu de Quai Branly, do arquiteto Jean Nouvel, para considerações visuais inerentes ao papel complexo e superficial das estruturas arquitetônicas na atualidade. Este edifício, recém inaugurado (2006), incorpora uma situação finamente apurada dentro dos princípios de reflexividade e confinamento.

Percebe-se, pela colocação de muitos metros lineares de vidro reflexivo, a noção de separação entre interior e exterior e, mais precisamente, a inclusão do *exterior* num mundo *interior*. Seria como transpor a rua (pública, bidirecional e livre) para um ambiente controlado, informativo e passivo. Do mesmo modo, uma vasta vegetação é trazida por sobre as fachadas do complexo que abriga, além do museu de artes africanas e americanas, espaços de pesquisa universitária, circulação e compras.



Fig. 3: Museu de Quai Branly, Paris. Arquiteto Jean Nouvel.

Fonte: <http://www.linternaute.com/savoir/grands-chantiers/06/dossier/musee-quai-branly/inauguration-aujourd'hui/1.shtml>



Fig. 4: Museu de Quai Branly, Paris. Muro vegetal. Arquiteto Jean Nouvel.

Fonte: <http://www.linternaute.com/savoir/grands-chantiers/06/dossier/musee-quai-branly/inauguration-aujourd'hui/1.shtml>

A posição específica deste museu, a agregação de valores e símbolos da contemporaneidade e a inclusão de elementos da escala pública à dimensão confinada do edifício torna este exemplo um fiel ditador das ordens de *complexidade*, *transitoriedade* e *controle* da cidade contemporânea.

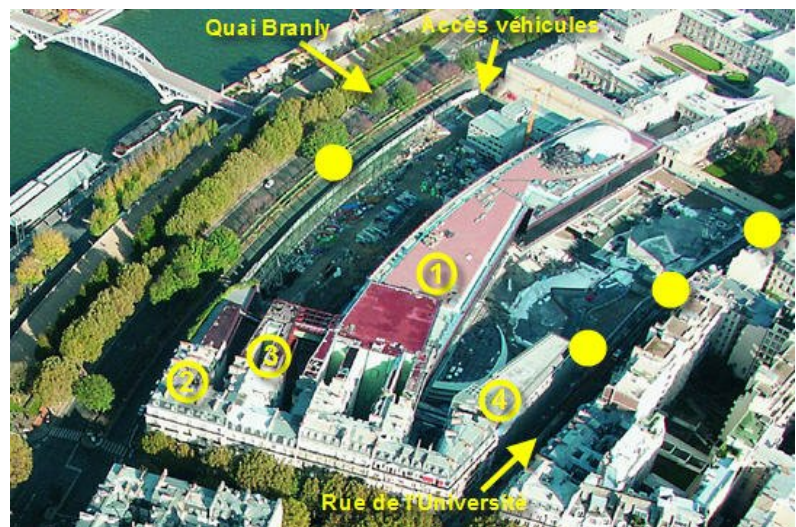
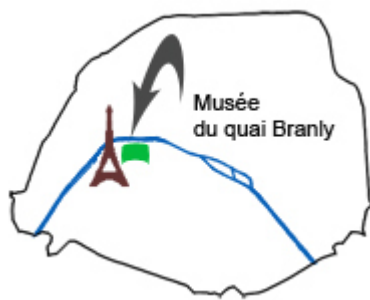


Fig. 5 e 6: Localização do Museu (sem escala) e setorização do complexo: (1) Museu (2) Edifício Branly, (3) Edifício de Conexão e (4) Universidade.

Apesar desta produção recente identificar o fenômeno da transitoriedade (física e social) a que nos referenciamos neste artigo, podemos lembrar os projetos de Koolhaas para o Terminal Marítimo de Zeebrugge (Bélgica) e de Dominique Perrault para a Biblioteca Nacional de Paris (França), de 1989, que indicavam, já neste sentido, situações urbanas complexas envolvendo interseções de dispositivos de transporte em alta velocidade e mega-estruturas de serviços e estadia (Euralille, França, 1994), áreas de congestão e dissolução do traçado urbano num tecido genérico, renunciando o espaço que determina, hoje, a necessidade pelo mundo virtual. Na amostragem deste cenário enfatiza-se que a arquitetura contemporânea busca livrar-se do

conteúdo e privilegiar o processo, de forma a ser condizente com os meios, e não simplesmente com os resultados.



Fig. 7: Biblioteca Nacional da França em Paris, de Dominique Perrault. Foto adquirida em http://www.photoarchitecture.com/images/archi_exte/Bibliotheque-N.jpg

3. RESPOSTAS IMEDIATAS

3.1. MEMÓRIA E IDENTIDADE

Tomamos como base das discussões a afirmação de que a *memória* é um elemento constituinte do sentimento de *identidade*, tanto individual quanto coletiva (Pollak, 1992, p. 204) e como tal deve ser dialetizada frente às novas exigências arquitetônicas no cenário contemporâneo.

Em nossa sociedade errante, constantemente transformada pela mobilidade e ubiqüidade do presente, 'patrimônio histórico' tornou-se uma das palavras-chave da tribo midiática. Ela remete a uma instituição e a uma mentalidade (Choay, 2001, p. 11).

Para Choay (Ibidem) *Patrimônio e monumento* são palavras de ordem. Estão à disposição da sociedade contemporânea como produto para consumo desenfreado, legando outros teóricos especializados neste assunto a se depararem com o termo “museificação”. O embate entre memória e esquecimento se faz, na arquitetura, diante do que conservar, retirar, ou de como unir estes dois segmentos. De igual modo, é esta discussão que permeia o papel do habitante/usuário cotidiano desta sociedade.

O termo léxico para ‘monumento’ vai variando com sua importância nas sociedades ocidentais, passando de valor arqueológico (1689) para valores estéticos e de prestígio (1790, com Quatremère de Quincy). Atualmente, o sentido de ‘monumento’ evoluiu para o avanço das técnicas e da destreza construtiva, sinais incorporados à comentada ‘arquitetura líquida’. Embora Alberti, o primeiro teórico da ‘beleza arquitetônica’, tenha conservado a noção original de monumento, ele abriu caminho para a substituição progressiva do ideal de *memória* pelo ideal de *beleza* – fato relacionado à progressiva extinção do valor memorial no monumento, que estaria mais associado à ‘obra de arte’ na contemporaneidade.

Para a produção contemporânea da arquitetura, que lida com a articulação de novos elementos a extratos bastante consolidados da cidade, a idéia original de monumento se substituiu pelo valor *estético* (em termos mais completos) e trouxe, assim, a permissividade para imposições inescrupulosas, associações descontextualistas e desarticulações na produção teórica que tanto auxiliam a fundamentação de novos diálogos na cidade quanto produzem novas interferências:

A sedução de uma cidade como Paris deriva da diversidade estilística de suas arquiteturas e de seus espaços. Arquiteturas e espaços não devem ser fixados por uma idéia de conservação intransigente, mas sim manter sua dinâmica: este é o caso da pirâmide do Louvre (Choay, ibidem, p. 16).

O trecho citado por Choay (2001) torna explícito, através da advertência, que é possível dialogar na cidade, mesmo com linguagens que parecem mais dissonantes. Sua articulação de idéias retrata o papel da memória como *manutenção*, mais do que simples preservação.

O sociólogo Halbwachs, um dos primeiros teóricos sobre memória social, citado diversas vezes por Pollak (1989, 1992), ressalta a estreita relação da memória com o espaço na medida em que os elementos constitutivos da memória são acontecimentos vividos pessoalmente e multilateralmente, ou seja, pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Esta relação traz, conseqüentemente, outros dois elementos envolvidos na memória e presentes nos acontecimentos: as pessoas (personagens) e as atividades, pois não existe memória que não se apóie num quadro espacial.

A apreensão da memória nos conduz, desta forma, à construção do sentido urbano; faz emergir os significados e valores dos lugares, atribuídos por indivíduos que neles estão, fomenta as ligações simbólicas entre o ambiente de uma pessoa e suas crenças essenciais, e principalmente nos faz olhar para as imagens e prioridades dos usuários conjuntamente com o ambiente físico.

A Memória também depende do *momento* em que está sendo articulada e pelas preocupações inerentes ao processo em que está sendo expressa. Portanto não é uma fonte pronta e definitiva, e sim, esculpida durante o processo de recordar.

No entanto, ao focar a idéia de espaço contemporâneo e de habitante deste espaço, as relações de memória citadas nas linhas acima passam a não ter necessidade de incorporação. Um cidadão consegue interagir, sem grandes problemas, com diversos símbolos e estruturas apresentadas como 'enigmas' na cidade através de recursos digitais e informacionais que cada vez mais individualizam as atividades. "Engessar" a memória não é um problema seríssimo, pois a nossa disposição estão milhares de bancos de dados a serem consultados ininterruptamente.

Heidegger (1988, p. 25) afirma que um homem sozinho não tem memória nem necessita dela.

Só nos recordamos de algo, portanto, ao proceder a escolhas, ao decantar a vida turva, ao recortar atos da corrente da vida para neles colocar razões. Os fatos prendem-se na memória graças a eixos intelectuais. (...) Não nos recordamos por simples repetição, na verdade, compomos nosso passado. (...) Para haver recordação tem que haver uma intenção presente.

Mas sobre o novo padrão de usuário, que precisa articular com as noções do mundo globalizado, digitalizado, midiático e acelerado, trazer seu corpo às solicitações da dita 'arquitetura líquida', inerte, globalizadora e comum é uma resposta eficiente a sua solidão.

3.1. TRANSITORIEDADE E PLURALIDADE

Observa-se o crescimento exponencial das estruturas de informação no espaço digital, definido como um espaço global de representação. Os tipos de informação, cada vez mais acessíveis e disponíveis em todas as esferas sociais, também se diversificam constantemente e, previsivelmente, chegarão à consolidação da ubiqüidade instaurada.

Esse conceito, que inclui o aspecto totalitário que dominou a razão moderna, vem sendo substituído por concepções pluralistas, entendendo-se a pluralidade como diversidade de formas racionais capazes de preservar esse leque de conceitos e, ao mesmo tempo, de evitar que alguns deles se tornem dominantes, como por exemplo as noções de *identidade* e *apropriação*.

A apropriação do espaço é o enraizamento (ancrage) que o indivíduo realiza dentro de um universo que a psicologia, dentro de sua racionalidade metalingüística, imagina à parte como uniforme e ilimitado. O mundo não é assim uniforme e ilimitado, apenas à visão do ser errante, que preenche uma categoria minoritária nos conflitos de apropriação (Moles, 1978, p. 70).

O errante, antes tido como minoria, impõe-se como maioria no cenário atual. Por definição, não se apropria do espaço, apenas se utiliza dele (de suas virtudes), não constrói lugar de *ancrage* nem de influência. E visto que o errante não se apropria do espaço, o espaço não se apropria do indivíduo. É deste homem errante que o cenário contemporâneo faz uso para sobreviver e é ele quem alimenta grande parte das produções arquitetônicas comentadas neste trabalho, tidas como contemporâneas. Podemos dizer, desta forma, que o homem errante (ou nômade) é o padrão 'sedentário' da atualidade e tem, aí, a justificativa para a multiplicidade de identidades possíveis num breve espaço de tempo (e espaço).

Neste processo estariam entretidas as conseqüentes reações de falta de segurança, a 'corrosão do caráter' que a flexibilidade no local de trabalho, de moradia e de lazer têm provocado na sociedade e as dificuldades de pertencimento a um espaço definido. Não que isto seja dissociado do homem atual, ou que não se incorpore aos seus desejos, mas a voz 'que clama da sociedade' pede a ele que se abnegue disso, que pelo bem da manutenção de novas estruturas sociais este homem seja feito um cidadão sem rumo, cada vez em mais lugares, cada vez mais ubíquo.

'pertencimento' e 'identidade' não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [e se determinam] pelas decisões que o indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age e as coisas que absorve (...) Em outras palavras, a idéia de 'estabelecer' uma identidade não vai ocorrer às pessoas enquanto o 'pertencimento' continuar sendo uma condição sem alternativas (Ibidem, p. 18).

Simmel (*apud* Bauman, 2005), nos seus ensaios sobre as formas de vida nas metrópoles e o conflito da sociedade moderna, menciona a identidade como uma instituição da vida social. Nesse caso, a *identidade* está muitas vezes desintegrada pela moderna sociedade de massa. Os ‘vagabundos’ urbanos de Simmel e os flâneurs de Baudelaire/Foucault não perambulavam pelas ruas da cidade em busca de uma comunidade com a qual pudessem se identificar. Estas corporificações estavam ‘aguardando’ por eles, sedentários e de certa forma prontos para servirem e serem usados nos abrigos seguros de diversas edificações.

É nisso que os habitantes do líquido mundo moderno agem diferentemente. Buscam, constroem e mantêm as referências comunais de suas identidades em *movimento*. Não são necessários os gestuais da vida civil cotidiana, apenas instrumentos eletrônicos capacitadores de diversas atividades que outrora exigiam bastante interligação dos acontecimentos. A proximidade física, a ‘identificação’ imediata ou a adoção de símbolos antigos não se choca mais com a *necessidade*. “Estar em movimento, antes um privilégio e uma conquista, não é mais, portanto, uma questão de escolha: agora se tornou um ‘must’. Manter-se em velocidade transforma-se numa tarefa exaustiva” (Bauman, *Ibidem*, p. 38). Para o referido autor (p. 34) este aviso sinalizava o colapso da hierarquia (genuína ou postulada) das identidades, dentro do entendimento de um mundo globalizado.

Globalização significa que não se há mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com as estruturas fixas. Flertes extraconjugais e até casos de adultério são, ao mesmo tempo, inevitáveis e toleráveis, tantas vezes desejáveis e muitas vezes avidamente obtidos, seguindo as condições preliminares para a admissão num ‘mundo livre’ (*Ibidem*, p. 34).

A questão latente, neste panorama traçado é: ainda é preciso ‘identificar-se com’? Bauman chama de ‘*comunidades/identidades guarda-roupa*’ aquelas invocadas a existirem apenas na aparência, por questões de necessidades globalizantes ou mundializantes. Elas se produzem enquanto dura o espetáculo e são desfeitas quando não há mais necessidade de estampa da ‘coisa genuína’.

Sobre isto, e sobre a permanência dos edifícios, ou mesmo a integração de suas expressões ao contexto urbano e social, um paliativo muito usado tem se firmado na efemeridade das identidades que o aceitam. Agregar o valor de edifícios sem um apelo (pelo menos imediato) à questão significativa, simbólica ou memorial da sociedade não é mais uma tarefa de esforço, mas uma exigência da própria mutabilidade com que indivíduos e espaços precisam mudar.

Numa progressão acelerada dos avanços industriais, tecnológicos, cibernéticos e *hipertextuais* a humanidade vê-se, agora, dialogando com as três áreas da vida histórica – *conhecimento, política e desejo* – como compartimentos isolados e autônomos. Não é possível derivar um valor de um fato, mas sim ajustá-lo. Neste novo modelo, o valor da estética se sobrepõe às identidades.

O modelo da estética, associado ao modelo da autonomia ética, incorpora-se às exigências impostas à sobrevivência das sociedades atuais e o moral e o estético, antes em crise, podem superar o valor mesmo da *identidade*, trazendo à tona a valorização da ‘beleza’ em contraste com

as necessidades individuais (e, por conseguinte, coletivas). De forma resumida, podemos assinalar que *memória*, *identidade* e *velocidade* são três elementos de composição dialética e transitória no cenário contemporâneo.

A primeira entidade, segundo nossas considerações, se apresenta de forma efemerizada e substituída por valores de individualização do ser que pode, facilmente, abster-se das lembranças em detrimento de um panorama maior e mais exigente de vida social - contemplado pela inserção volumosa de informações; a segunda (*identidade*), torna-se um elemento múltiplo e oscilante que necessita exatamente dessas características para manter-se atualizada com as transformações mundiais; e sobre *velocidade*, cada vez mais impressa no *modus vivendi*, nas relações profissionais e na linguagem da produção arquitetônica contemporânea, tomamos a consequência inevitável da massificação das duas entidades anteriores e a ratificação do discurso que propõe, cada vez mais, espaços globalizados, de compreensão imediata e de leitura assimilada.

CONCLUSÕES

Nossas discussões neste trabalho margeiam, exatamente, pelas considerações sobre que tipo de cultura e sociedade podemos visualizar hoje. Num mundo em constante inteiração de dados informacionais e de necessidade por respostas imediatas, concluímos que as identidades produzidas - e o vínculo exercido pelo tempo e espaço com os acontecimentos usuais - ficam reféns de necessidades outras, que tornam o objetivo final (parecer ser) muito mais importante do que o processo (por que ser).

Ainda sobre a questão da significação, Hall (1990, p. 17) comenta que “(...) a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos”. Um dos argumentos dos arquitetos que assumem uma postura desvinculativa, em todo o mundo, isto é, a introspecção perante o espaço urbano, é a desqualificação e a desordem principalmente das periferias e dos centros das cidades atuais. Contrapondo-se à existência de uma ação arquitetônica mais abrangente, cremos que esta arquitetura “a-tópica” aceita sem esforços as limitações da sua influência sobre o meio social e urbano e chega a tornar-se uma espécie de ‘museu’.

Se a cidade contemporânea é cada vez mais complexa e heterogênea, os arquitetos parecem admitir sua impotência em lidar com todos os níveis da vida social urbana, consequentemente mais heterogênea e complexa. Cremos que os edifícios construídos sob essa égide apresentam-se ao exterior como um objeto de contemplação e se fecham para um mundo interno totalmente protegido e condicionado, como obriga – atualmente – a necessidade cada vez maior por controle em todas as esferas da vida cotidiana pública ou privada.

De forma paradoxal, é justamente a ‘museificação’ das cidades que tem tornado monumentos cada vez mais cristalizados, inclusive a própria idéia de monumento na contemporaneidade. Com a instituição de elementos e centros específicos para o contemplar e o ‘admirar’, os edifícios e

estruturas urbanas perdem o direito 'civil' de articularem-se com os diversos significados produzidos pelas mudanças de qualquer cenário ambiental. Jeudy comenta com precisão em "Espelho das Cidades" (2005) que com as 'cirurgias plásticas' mal sucedidas, algumas regiões ficam desarraigadas de sua precisão original. *"Estes 'enormes museus' abertos muitas vezes repelem sua função, uma vez desempenhada, para se tornarem espelhos sobre o qual se miram seus espectadores. A exibição patrimonial imobiliza a própria nostalgia e anula a aventura da transmissão"* (Jeudy, 2005, p.16). É fato que a capacidade de absorver o novo traz a permissão de uma 'aventura da imaginação', mas esta aventura estética está consideravelmente relacionada aos produtos que a cidade (como obra construída) oferece a seus usuários; estes, em contrapartida, se absorvem dela e constroem, como cremos, relações de reciprocidade.

A relação estética que nós mantemos com o mundo, ou que o próprio mundo provoca, essa relação movimentada, sempre incerta, tem como origem a experiência cotidiana da cidade. E nosso corpo ora se inscreve no espaço público, ora joga com uma certa distância desta pluralidade de pontos de vista. Pois é justamente ele – nosso corpo – que não pára de construir anamorfoses na cidade, ao se dispor a suportar alguma perturbação em seus hábitos de representação (Op. Cit., p. 84).



Fig. 8: Conjunto residencial Nexus, Fukuoka, Japão. Rem Koolhaas. Fonte: Prêmio Pritzker



Fig.9: Terminal marítimo, Zeebrugge, Bélgica. Rem Koolhaas. Fonte: Prêmio Pritzker

Na atual variedade tipológica – fruto da intensa produtividade de conceitos – uma das leituras que se pode estabelecer na relação da arquitetura com a cidade contemporânea é, portanto, a intenção de polarizar contraposições, tais como as relações *cheio/vazio*, *opacidade/transparência*, *simetria/assimetria*, *figura/fundo*, *plano/massa*, *razão/emoção*, mas que agora não se preocupa tanto com a forma urbana e sim com a dinâmica do meio social que se desenvolve no espaço urbano, da qual a arquitetura tem papel substancial.

Trata-se de uma dicotomia que decorre de uma nova atitude perante a arquitetura da cidade pois, historicamente, a arquitetura ocidental sempre buscou posicionar-se positivamente em relação ao espaço vazio a ser ocupado – como ressaltou Peterson (1980) ao mencionar as inter-relações

propostas pelo modernismo e pelas descobertas da cidade contemporânea nos jogos de cheios e vazios.

Scoffier (2006), por sua vez, intitula de *mi-lieux*⁶ este novo espaço – de forma a fugir das discussões outrora colocadas por Augé (*passim*) como ‘Não-lugar’. Crê-se, nessas novas teorias, que a cidade contemporânea é toda feita de *Não-lugares* e, por conta de sua reprodutividade, passa a ser um meio habitável, um exponencial do *Lugar*. A cidade toda se converteu num celeiro que pode agregar e expulsar qualquer tipo de identidade e de representação.

Nas marcas impressas por esta nova leitura espacial podemos ressaltar algumas características da arquitetura, entre elas o fato de que não mais se busca a transparência nas superfícies de vidro (legado modernista); antes, a reflexão. Não importa o continente e sim a capa, fato demarcado pela facilidade com que diversas atividades e funções podem ser facilmente incorporadas ou substituídas a um edifício de ‘marca contemporânea’. Por isso a ‘tela’ (Scoffier, *Ibidem*), aquilo que se expõe do edifício, substitui o jogo tradicional de fachadas e signos.

Desta forma, auxiliando na multiplicação de novos e diversos significados e co-produzindo uma imagem facilmente reprodutível – principalmente no que tange às imagens de consumo do novo ‘cidadão contemporâneo’ – as teorias emergentes e seus produtos colocam um novo princípio diante das formulações do espaço e dos corpos sustentados por este: o princípio da *reclusão*. É a partir desta reclusão que milhares de *identidades* podem surgir (e morrer) sem que sejam perturbadas pela demanda pública ou pelas sanções impostas ao modo de viver, habitar, trabalhar, assim como as diversidades oferecidas pelo tempo e pela presença da *memória*, valores agregados e representativos de uma necessária e cada vez maior transitoriedade – de homens e edifícios.

Referências bibliográficas

- AURIGI, A. Digital City or Urban Simulator? In: ISHIDA; ISBTER. Digital Cities: Technologies, Experiences and Future Perspectives. Berlim: Springer-Verlag. 2000. p. 33-44.
- BACHELARD, G. A Dialética da Duração. Trad. Marcello Coelho. São Paulo: Ática, 1988.
- BATTEN, D. Networked Cities: creative urban agglomerations for the 21st century. London: Urban Studies 32, vol. II. 1995. p. 313-327.
- BAUMAN, Z. Identidade. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CHOAY, F. Monumento e Monumento Histórico. In: _____. Alegoria ao Patrimônio. São Paulo: UNESP, 2001. p. 11-29.
- EAGLETON, Terry. Da Polis ao Pós-modernismo. In _____. A Ideologia da Estética. Tradução de Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. p.264-300.
- GUATTARI, F. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro, Ed.34, 1992.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice.
- HALL, S. Representation: cultural representations and signifying practices. Londres: Sage Publications, 1990.
- HEIDEGGER, M. A Política do Ser. In: EAGLETON, Terry. A Ideologia da Estética. Tradução de Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. p.210-229.
- HOUELLEBECQ, M. Lugares de Transición. In: Arquitectura Viva, nº 74, set./out, 2000.

⁶ “Milieux”, seria traduzido ao pé da letra como “meio” (meio-ambiente) ou “centro” mas, ao colocar um hífen (mi-lieux), o autor joga com as palavras que passariam a ser traduzidas como “meio-Lugar” (lieux = lugar).

- HUYSSSEN, A. Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumento, mídia. Aeroplano Editora. Rio de Janeiro, 2000.
- IBELINGS, H. Supermodernismo, Arquitectura em la era de la Globalización. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.
- JAMESON, F. Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. Trad. Maria Elisa Cevasco, 2. edição, Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1997.
- _____. Espaço e imagem. Teoria do pós-modernismo e outros ensaios. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1995.
- JEUDY, H.P. Espelho das Cidades. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- MOLES, A.; ROHMER, E. Psychologie de l'Espace. Paris: Ed. Casterman, 1978.
- MONTANER, J.M. Después del Movimiento Moderno. Arquitectura de la segunda Mitad del Siglo XX. Barcelona: Gustavo Gili, 1993.
- NORBERG-SCHULZ. The two faces of Post-Modernism. In: Architectural Design, n.7/8, 1988.
- PETERSON, S.K. Space and Anti-space. In: The Harvard Architecture Review, n.1, London: MIT Press, 1980. p. 5-52.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: Estudos Históricos, Vol. II. Rio de Janeiro: Ass. de Pesquisa e Documentação Histórica do Cpdoc/FGV, 1989.
- _____. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos. Vol. III. Rio de Janeiro: Ass. de Pesquisa e Documentação Histórica do Cpdoc/FGV, 1992.
- NORBERG-SCHULTZ, C. Lieu? In: _____. Genius Loci: Vers une Phénoménologie de l'Architecture. Paris: Oslo, 1976. p. 6-49.
- ROWE, C. Collage City. Massachussets : The MIT Press, 1984.
- SCOFFIER, R. Les Quatre Concepts Fondamentaux De L'architecture Contemporaine. Palestra proferida na disciplina "História das Teorias em Arquitetura" em 16/03/2006. Duração: 03:50:00.
- SÒLA-MORALES, I. In: COLLEGI D'ARQUITECTES DE CATALUNYA. Present i Futurs. L'arquitectura a les ciutats. Barcelona: Catálogo da exposição, 1996. p. 19.
- SPUYBROEK, L. Transarchitectures. In: Architectural Design Magazine, vol. 68, 1998.